

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



O *Cassino Fluminense* enfim tocou a rebate em volta dos toucadores do mundo elegante. — Suas Magestades honrão pela primeira vez este anno o baile de 17 do corrente. Vinde obsequial-o; vinde augmentar com o brilho de vossos olhos, com a elegancia e bom gosto de vossos *toilettes*, essas ondas de luz que se deslirão tepidas e perfumadas por sobre os nossos salões ensanafiados. Vinde, sim, preparai-vos, diz o *Cassino*.

E com effeito o convite foi aceito com todas as demonstrações da maior influencia. Lindos e ricos *toilettes*, elegantes enfeites, perfeitas e mi-mosas flores, rendas, perolas e trancelins, brocados de custo fabuloso tomão entre as agulhas das modistas as fórmulas mais preciosas do bom-tom. Vinde, sim, preparai-vos, diz o *Cassino*.

Eu, por minha vez, tambem vou contribuir com o meu obolo de boa vontade, offerecendo um novo e lindo figurino de um bonito vestido de baile.

Mirai-o em todas as suas fórmulas, em todo o novo gosto do seu talhe, no gracioso regaço daquella segunda saia, nos seus enfeites, no todo do porte enfim; e concordareis que é um magestoso vestido ao tom da moda actual.

Vede a figura que lhe está ao pé: reparai no gosto dessas novas mangas, com outras brancas por baixo, e aquelles sobre-punhos de bicos voltados para cima; acho-as muito engraçadas: ha

um certo faceirismo que me agrada, e se, em dizer-vos que já mandei talhar um roupão com essas mangas para mim, não é peccado de vaidade, acredital, querida leitora, que o fiz. Não é sómente porque goste muito das mangas folas, mas é porque ha certos enfeites e adornos que me quadrão, e nos quaes descubro um certo que, cuja moda produz igual effeito em todas nós.

Gosto muito dos roupões e dos vestidos afogados para passeio ou estar em casa: não sei o que lhes acho de bom-tom e modestos ao mesmo tempo. Se me fosse possível, guardando as etiquetas da pragmatica moderna, trajaria sempre assim.

E' por isso, queridas leitoras, ainda uma vez o repito, que eu entendo que a moda não está em imitar ás cegas tudo o que vemos: haja vista aos casações (ainda arripião-se-me os cabellos!) que os moços querem fazer aqui passar por moda de Pariz. Deve-se praticar a respeito della o mesmo que faz de um bello motivo a habil pianista: ella compõe bellas variações por entre cujas harmonias conhece-se bem o motivo, mas admira-se então o floreado da composição.

A moda, portanto, seja o motivo: nós seremos as pianistas; e as variações execute-as cada uma conforme for o seu talento, — que neste caso é o bom gosto, cuja propriedade tambem pertence em grande parte ás Brasileiras.

Creio que me fiz entendida, e que (relevai o amor-próprio) haveis de concordar commigo — que só nos devemos vestir conforme a conveniência do nosso corpo, da nossa côr, do nosso estado, do tempo e da occasião — fazendo sempre da moda o motivo; mas as variações por essa conta. Eu quero ver uma senhora bem vestida; quero que em seu *toilette* se revele a moda; mas quero que elle se modifique, e segundo as conveniências, e apropriada á senhora.

Nestes dous figurinos da segunda estampa de hoje podemos fazer algumas observações a este respeito. Ambos são *toilettes* de passeio, ambos bonitos, ambos modernos. Mas vêde, querida leitora, como seria improprio n'uma moça baixinha e gorducha essas mangas de tres folios ornando seu braçinho muito bonito, porém curto e grosso. Como seria de máo gosto, n'outra muito

gorda, essa jaquetinha de veludo, abotoada, descrevendo com justeza as avantajadas fôrmas. E, ao contrario, quanto irá graciosamente bem na moça magrinha, espiral, essa justa e abotoada *basquine* de veludo; em outra, alta, braços desenvolvidos, essas mangas de tres folios; o que quer dizer, que ambos os objectos são da moda, mas nem em todas as senhoras poderão ir bem, sem que hajão as conveniências e modificações.

Deixemos porém esta explicação, querida leitora, que já não era preciso dar-vol-a, e que é devida ao meu genio que tem ás vezes estas birras. Vamos dar-vos um adeos até domingo, e descreveremos as estampas, cujos figurinos são lindos e novinhos—do mez de Maio, lá em Pariz.

Christina.

Cattete, 13 de Julho.

DESCRIPÇÃO DAS ESTAMPAS.

ESTAMPA N. 588.

VESTUÁRIO DE RAILE. — Penteadado de bandós fortemente ondeados, ornados de uma grinalda com grandes tufos de rosas e trepadeiras brancas.

Vestido de *moire antique* côr de rosa. oobresaiã de filó da mesma côr, salpicado de estrelinhas de prata, regaçado todo em roda, formando grandes folios apanhados em distancias iguaes com ramos de flores e laços de fita.

Corpo de bico redondo com *basquine* coberta de filó prateado, assim como a *berthe*, que é de pregas adiante e atraz.

Mangas folas, curtas; enfeitadas com ramos de flores.

Ramo de peito, de rosas brancas e trepadeiras.

VESTUÁRIO DE VISITA OU PASSEIO. — Vestido de tafetá preto. Saia guarnecida de tres folhos largos, recortados em quadrado e todos rodeados de uma fitinha de enrespar.

Corpo afogado, de *basquine* recortada do mesmo modo e enfeitada como os folhos; assim como as mangas, que são muito curtas para deixar ver as sub-mangas, muito largas, de caça bordada, presas ao punho por um entremeio e uma renda calida sobre a mão — gosto muito moderno.

O corpo adiante é fechado por quatro laços de fita.

Chapéu de seta côr de rosa, coberto de garça de salpico assetinado, enfeitado de blonde e boninas.

ESTAMPA N. 591.

VESTUÁRIO DE ESTAR EM CASA. — Touca de renda enfeitada de flores: bandós ondeados puxados para atraz.

Saia de tafetá verde guarnecida de sete folhos recortados a ferro. *Basquine* de veludo enfeitada de galões e botões de vidrilho.

Sub-mangas de caça bordada. Collarinho redondo, bordado e pequeno.

VESTUÁRIO DE PASSEIO. — Bandos ondeados simulando canudos. Chapéu de escomilha ornado de flores.

Vestido de seda côr de vinho, simulando um roupão. Corpo afogado, de cintura redonda, sem *basquine*.

Mangas à Maria Stuart.

Vestido e mangas enfeitados com laços de veludo preto.

Sub-mangas de *quipure*.

Collarinho de bico da mesma renda.

CHRONICA DOS SALÕES.

E' bello e interessante entrar-se no recinto de um salão onde as luzes disputão a superioridade do brilho a immensos olhos que scintillão e espargem meigas impressões, agitando-se, brincando, escondendo-se entre risos que pairão em purpuros labios, ou entre as flores que se desprendem descuidosas das madeixas de ebano. E' bello tomar parte na animação de um baile; ouvir a delicadeza de uma expressão, apreciar o espirito de uma inversão de pensamento que não

foi aceito, e finalmente gloriar-se de um grande triumpho, ou rir-se de um desgraçado desapontamento.

E não é isto, minhas boas amigas, o que se passa nos nossos magnificos salões, cujos ardoros exaltão todos os sentimentos, e ennobrecem a imaginação que adeja de collo em collo, e vai por instantes descancar da lide entre as dobras das bambinellas para de novo arremear-se ás lutas?

Vós todas tendes tomado parte, como combatentes ou como espectadoras, nesses batalhas de espirito nos campos do *Cassino Fluminense*, da *Sylphide*, do *Recreio dos Militares*, da *Campestre*, da *Phil-Euterpe*, da *Vestal*, e do *Cassino Commercial*, que no baite de anniversario de sua installação, dado no dia 8 de corrente, adquiriu á sua digna directoria novos titulos de reconhecimento do mundo elegante.

E uma reunião particular? Oh! como é agradável a companhia animada que concorre a applaudir o baptisado de um innocente menino, ou o anniversario de uma interessante menina! São para nós de tanto merecimento estas reuniões, que não posso deixar de transmittir ás minhas boas leitoras, as impressões que tive em uma partida a que assisti no sabbado passado, em uma casa da rua do Cano, eujos hospedes, empenhando toda a sua proverbial affabilidade e delicadeza, obsequiáram a sua linda filhinha, no dia de seus annos, com uma escolhida companhia, onde a musica, o canto e a dança se succederão até ás 3 horas da madrugada, no meio da animação que partia dardejante de alguns lindos olhos entre os quaes fôra difficil determinar superioridade.

Mas se havia para nós esta difficuldade, tambem a havia certamente para alguns elegantes cavalheiros que durante toda a noite andarão em procura da resolução do problema dessa superioridade; conquanto um distincto orador do nosso parlamento não duvidasse enunciar o seu voto em favor de uma linda joven (C.) na seguinte frase — Bebo morte de amor nos olhos della. Entretanto a opinião decidida de uma tal autoridade, não podia deixar de fazer proselitos, e certamente os fez (dous pelo menos) que a acclamárão padroeira de sua veneração.

Como não posso ser suspeita, ouso dirigir a esses adoradores o meu beneplacito do seu bom gosto, felicitando-os ainda pela summa delicadeza de tratar, e espirito de uma conversação sempre fertil de elevada poesia: e tanto que não custou muito a confeição de um soneto elaborado de momento sobre a expressão do illustre parlamento, e é o seguinte:

Vi um Anjo do Céu entre os humanos,
Perfeito em fôrma, em graças delicado;
Vi o poder de Deus representado
Em mimosa Vestal ante os profanos.

Vi arfar no seu peito os mil arcanos
Do virgem coração nelle encerrado;
Vi seus olhos, seus labios, vi seus risos
Capazes de domar fêros tyrannos.

Se do poder de Deus eu duvidára
Máu grado do Universo a orden bella,
Ante tal perfeição não mais ousára.

O mundo renegára a fé por ella;
E eu, que em portento tal jámais pensára,
Bebo morte de amor nos olhos della.

E' quanto se pôde dizer, e quanto mesmo a imaginação pôde conceber! Acredito bem, que se o poeta nao bebeu a morte de amor, bebeu ao menos amor de matar para o fazer voar de subito a essas regiões do Pindo ou do Parnaso para, abrigado ahi com o seu nobre amigo, fulminarem de accordo a excommunhão sobre o mundo das bellas em sacrificio solemne pela joven menina, alias muito digna de toda admiração pelo seu espirito, por sua elegancia, e por sua belleza certamente pouco vulgar: e nós outras devemos esperar que nos chegue tambem a nossa vez; mas enquanto não chega, penso que procedo em regra apresentando o meu solemne protesto em favor de algumas interessantes amigas minhas, radiantas luzeiros da sociedade fluminense.

Na quarta-feira á noite tambem assisti a um muito agradável *soirée* em casa do Sr. V. A. da C., proverbialmente conhecido pelas suas cavalheiras maneiras e seu bom gosto. Sua digna filha, a Illm. Sra. D. Francisca, é um magnifico contralto, que não muy tarde será a primeira voz fluminense neste genero. Cantou diversas arias e duettos com a Illm. Sra. D. Maria V., moça de uma voz suavissima, acompanhadas sempre pela sua digna irmã a Illm. Sra. D. Anna V., habil pianista de apurado gosto. E para não passar desaperecebida a dança, tambem dançou-se; e sua limitada e familiar companhia gozou de uma noite de perfeito prazer, obsequiada delicadamente pelos dignos donos da casa. Retirei-me satisfetissima e presa pelas sympathicas qualidades da intelligente Miss Catharina, a cujos cuidados está confiada a educação das filhas do Sr. V. A. da C.

Quizera sempre ter de registar estes factos onde primão pelo progresso de sua educação as nossas queridas patricias.

Se fôra outro o titulo deste artigo, daria alguma noticia de um jantar que teve lugar, no domingo passado, no Jardim Botânico, onde lindas moças animáram uma escolhida companhia; onde se bebeu limpida agua apanhada em folhas verdes, etc., etc., mas que acabou não muito bem para um sugeito, que depois do brilhante papel, que o seu espirito delicado lhe permittiu fazer, viu-se prosaicamente em caminho para a cidade na almofada de um Omnibus, ao lado de um cocheiro, restando-lhe por unica consolação a contemplação do bello luar que clareava a estrada.

Mas não é agora occasião propria para fallar em festas campestres; deveria antes dar ás minhas amaveis leitoras algumas noticias dos bailes; reservo-as porém para no proximo domingo as apresentar mais circumstanciadamente.

15 de julho de 1854.

Francisca Osceña.

A ENCARCERADA DE NEWGATE.

(Continuado do n.º 28.)

Morre-se a cada momento por um tempo, por uma cousa, por uma pessoa que nunca mais se verá: a vida é uma morte successiva.

CHATEAUBRIAND.

Erão tres horas da noite quando a rainha, tres dias depois, entrou fortivamente na prisão de Anna, com a sua fiel Ellesmere. A infeliz levantou a cabeça da enxerga onde os seus membros jazião despedaçados.

— E' Catharina, disse a rainha encaminhando-se para a jovem martyr; Anna, sou eu.

Uma exclamação fraca e dolorosa escapou da boca de Anna. A rainha deu-lhe a beber um copo de vinho de Canarias de que levára uma garrafa.

— Graças, senhora, disse a desditosa Anna.

— Por certo que me tens accusado, disse-lhe Catharina. Deus é testemunha de que me não foi possível vir na noite que precedeu o horrivel dia. Tu me acreditas, Anna?

— Recusario-te pois teus pés o seu soccorro, Catharina?

— O rei estava enfermo.

— E hoje está de saude.

— Oh! pelos tormentos que soffreste, pela negra e horrivel tristeza do meu coração, perdoad-me, Anna! não me digas palavras que me cortão a alma. Veuho agora tirar-te desta medonha morada. Os teus soffrimentos quasi me fizeram perder a razão.

— Vens tarde, Catharina.

— Não me digas que venho tarde, porque me tornarás louca. Dize-me que me perdoas, que estás prompta a seguir-me. Tudo está preparado para a tua fuga.

— Toma a lampada, Catharina, e chega-a ao meu rosto.

— Tu, Ellesmere, disse a rainha.

Ellesmere obedeceu e Catharina deu um grito.

Não fizeram elles de mim um ente deploravel? perguntou a martyr. Atormentarão a minha carne e fizeram ranger os meus ossos, não posso mover-me sem sentir agudas dores: todos os meus membros estão despedaçados.

— Mas tu és tão moça, Anna!... Todos te tratarão com tal desvelo...

— Catharina, é a morte agora que eu aspiro. Elles me riscarão do numero dos vivos, a terra já para mim é nada. Quizera marchar ao supplicio com a fronte radiante de luz; quizera confessar a minha fé em voz alta; mas serei vilmente arrastada. Será quasi um cadaver que elles sacrificarão ao seu fanatismo.

— Anna, minha infeliz Anna! exclamou a rainha.

— Não te afflijas, amiga.

— Que sorte tão infausta! disse Catharina levantando as mãos para o Céu.

— Sim, os meus ultimos dias em nada se assemelhão a esses annos que tu conheceste. Nós éramos bem vaidosas então da nossa belleza e da

nossa intelligencia. Belleza! como é facil destruir-te! Senhor! disse ella levantando os olhos, será verdade que aquelle que multiplica a sciencia multiplica a dor? Mas tu não punirás a tua creatura por ter usado dos teus dons.

— Tu és uma santa, disse Catharina ajoelhando-se. Muito te amei durante a tua vida, e te amo e te respeito na tua ultima hora.... Tu nos salvaste, minha heroica Anna! Nós somos todas mulheres sem coração, votadas ao teu despreso, nós que nos pudemos calar quando o algos te cortava o fio da vida, nós que tivemos medo de morrer contigo! Alma sublime, como pudeste poupar a nossa fraqueza, como é que tantos nomes indignos escaparão á tua justa colera?

— No meu lugar, Catharina, tu me terias imitado.

— Oh! não queiras escurecer a tua heroicidade.

— Desconfiando das minhas forças pedi a Deus que me não desamparasse, e elle veio em meu soccorro. A confiança presumptuosa deixou-me; era o meu ultimo sonho de orgulho. Morro amando-vos, pobres mulheres. Dize-o a todas, dize-lhes que na minha hora derradeira dellas me lembrei com affeição.

— Tu poderias viver, se quizeses, disse Catharina.

Commovida com taes palavras, Anna lhe respondeu com melancolica firmeza:

— Sim, poderia viver perjurando. A promessa de uma vida deshonrada será pois capaz de seduzir-vos? Tu não pensas assim, por certo. A creença que vive em mim, eu a levarei forte e santa ao supplicio. Tu choras... Quem sabe? A minha vida passou talvez inutil, a minha morte será de salutar exemplo; ella fortificará nos corações o desprezo da mentira, ella dará animo ás resistencias virtuosas; e mais tarde, Catharina, ella contribuirá, eu o espero, para a liberdade universal. O sangue derramado dos justos é uma semente preciosa que dá colheitas douradas e prosperas. As nossas desgraças preparo para aquellos que nos succederão dias mais clementes. Agora fortifica a minha alma para o ultimo transe, canta-me um dos sublimes canticos do rei propheta, que será elle para todo o meu ser uma harmonia do Céu.

Vencendo a sua consternação, a rainha, de joelhos, e com voz sonora, cantou o psalmo CXIV: *Meu Deus, meu rei, eu vos exaltarei; louvarei o vosso nome nos seculos e na eternidade.*

Ellesmere, prostrada, erguia as mãos para o Céu. Anna, com o sorriso do triumpho nos labios, e os olhos cheios de celeste ardor, escutava os accentos de Catharina.

— Tu fizeste da minha prisão um lugar de delicias. Adeus, Catharina, nós nos tornaremos a ver perante o Deus da eternidade. Um coração puro, actos virtuosos, eis a religião que elle quer de todos.

— Assim o crês, Anna?

— Sim, quando a morte está para substituir a vida, e que se não têm experimentado a lenta ruína que produzem o mal e os annos, tem-se das cousas uma intelligencia mais profunda e mais segura; está-se já longe pelo pensamento dos interesses mesquinhos e apaixonados da terra: o mundo divino nos faz algumas revelações.

No dia seguinte, Anna Askew foi levada em uma cadeira para o logar do supplicio. Tres homens, cujo crime era uma fé inabalavel em uma religião que elles tinham creado, virão-se associados a esta marcha funebre. Um joven, pallido e formoso, precipitou-se sobre os soldados que acompanhavão Anna e estendeu-lhe a mão.

— A minha mão não pôde mover-se, disse-lhe ella, mas a minha voz pôde abençoar-vos. Walter Southwell, o martyrio não vos convem; tendes vossa mãe; hourai os seus velhos dias... Adeus.

Anna saudou o patíbulo com um meigo sorriso; na sua frente brillava o signal de grandes esperanças. Já todos quatro estavam ligados ao

poste, quando lhes propuzerão uma retractação como meio de salvar a vida: todos a recusarão com desprezo.

— Vós nos não julgareis com severidade, meu Deus! proferiu Anna; vós recebereis com misericordia estas quatro pobres almas que voltão para vós! E' com transporte que cada um de nós vai entregar ao fogo a mortalha espessa e grosseira que nos tem captivos; é com transporte que nós nos apresentamos no vosso reino!

O ultimo instante de todos elles foi admiravel; e, contudo, os thesouros da sciencia faltavão sobreindó a um delles, ao pobre alfaiate João Adams (*).

Anna era morta. A rainha de Inglaterra, ao encontrar-se do novo com Henrique VIII, sentiu não ter morrido tambem.

A. DUPIN.

(Tradução.)

(*) Os dous outros erão Nicoláo Belnian, padre, e João Lassels, criado da casa real.

POESIA.

O MEU SEGREDO.

No meu rosto ninguém vê
Nem um signal d'afflicção;
Meu desgosto, minha dor,
Eu sumi no coração!

Quando sinto na minh'alma
As torturas do inferno,
Nos labios se me divisa
Um sorriso meigo e terno!

Tenho o coração ralado
A' força de padecer;
Mas esta pena é o segredo
Que ninguém ha de saber.

D. M. C. da S. Sequeira.

A SAUDADE.

Não espero no mundo venturas,
Porque todas eu já as gozei;
Mas quizera morrer nos logarêz
Onde a vida feliz desfructei.

Porém longe de tudo... ai de mim!...
Para sempre fugiu-me a ventura!
Só não deixa meu peito a saudade,
A saudade minh'alma tortura!

A saudade do tempo de amor
Que fugiu, que não mais ha de vir!
Morrerá na minha alma, sómente
Quando eu triste deixar de existir.

D. M. C. da S. Sequeira.

PENSATIVA.

Porque ao sol posto tu vás pensativa
Sentar-te sósinha á bórda do mar?
E ahí muito tempo com a mão sobre a face
Tu ficas, donzella, sósinha a scismar!...

Nem o vento da tarde que bate em teu rosto
Tão forte, tão frio, que vem lá do mar,

Nem a vaga que bate de encontro ao rochedo,
Ah! não te desperta do teu meditar.

Só de quando em quando teus olhos se fitão
Na extrema azulada do vasto horizonte,
Estatua sem vida pareces ficar,
Sempre pensativa com a mão sobre a fronte.

Tua alma padecer, donzella, tu soffres.
E ninguém sabe a causa do teu padecer,
Tão joven que és, ah! e já soffres tanto...
Donzella, distrahe-te, não queiras morrer.

Tens olhos se molhão! que tens, innocente?
Tão pallida que estás! tu vais desmatar...
Donzella perdoa-me, eu fui indiscreto
De assim, sem querer, tua dor avivar.

Tu já não m'escutas, perdeste o sentido,
Ah! e eu fui a causa; o qu'hei de fazer?...

Donzella, não morras, tem pena de sair;
A vida assim joven não queiras perder.

Teu corpo está frio; porém, stás com vida
E teu coração inda eu sinto bater;
Ninguém stá commigo, mas eu te socorro
E tu, infeliz, não has de morrer.

Botafogo 1.º de julho de 1854.

Lerack de Sá.

ADORMECIDA.

Como és bella adormecida,
Da vida assim esquecida
Neste teu somno innocente!...
Com que graça a tua mão
Descança em teu coração,
Tão de leve e docemente!

Amo ver-te assim dormindo
P'ra mirar teu rosto lindo;
Assim bello e descorado
Está elle mais formoso
No teu somno descuidoso
Dormido tão socegado!

Estão teus labios sorrindo!
Tu sonhas um sonho lindo!
Como és bella assim sonhando!
Que sonharás, innocente!
Que te sorris tão contente
Brandamente resonando!

Será um sonho d'amor
Perfumado como a flor
Que te afinda a negra trança?
Ai! não sei, gentil donzella;
Teu sonho nada revela,
Nem me dá uma esperança.

Se eu te ouvisse articular
Meu nome no teu sonhar,
Eu seria bem ditoso!
Mas ai! não, bella dormente,
Inda és muito innocente:
Não amas, anjo mimoso.

Eu não te quero acordar,
Mas sim ver-te repousar,
Até que o sol radiante
Te mande um raio brilhante
E te faça despertar.

Lerack de Sá.

MINHAS DISTRACÇÕES.

Morei em uma casa, que era o covil de centos de ratos. Via-me douda com o motim que de noite fazião esses animaes; porém o que havia de mais notavel era o instincto com que esses bichos procuravão escapar aos laços que se armavão para os apanhar. Havia um principalmente, que pretendia a preza de um pouco de fermento posto sobre um toucador; a prudencia desse animal, a sagacidade que punha em pratica para roubar, sem ser pressentido, máo grado os golpes que aparava, moveu-me a escrever a seguinte fabula.

A ASSEMBLÉA DOS RATOS.

Grande fome flagellava uma habitação de ratos.
Por toda a parte não se ouvia senão queixumes,

gemidos, todos os recursos estavam exhaustos, não havia outro partido a tomar senão morrer resignados. O mais velho dos ratos, aquelle que parecia presidir á todos os conselhos, não se atrevia mesmo a enviar seus exploradores a descobrir alguma via de salvação, porque todas as despensas, armarios e gavetas estavam guardados por formidaveis gatos, vigilantes sentinellas que se não deixavão surpreender. Alguns mesmo já tinham sido victimas, pois havião encontrado a morte onde julgavão achar a vida; e outros que tinham escapado ao perigo extremo tinham voltado á cova estropeados e contusos.

— Quanto estão mudados os tempos! dizia o decano dessa sociedade ratal com semblante mactilento. Na minha mocidade nadei na abundancia: não era o queijo nem o toucinho que me

atrahão, que outros manjares mais delicados me corvidavão!... Muitas vezes, atolado n'um pote de cocada, eu a custo me pude livrar de alugar-me: outras, embellido em uma tigela de sopas de leite, trouxe ainda, voltando ao ninho materno, com que entreter meus pequenos irmãos, da coada que me cobria o lombo. Ai de mim! quem me diria então que as épocas dos *paios*, dos *toucinhos*, dos *presantos*, dos *queijos* e das mais saborosas fructas, se trocarião em beldionda fome?!... Quem ouvia fallar no inimigo commum? Quem tenia a ratoeira?!...

Isto dizendo, longos grunhidos sahião de seu ponti-agudo focinho. — Era o seu pranto!...

— Fracó! murmurava um grupo de jovens ratos, que a experiencia não tinha ainda desenhado em seu semblante senão a marca dessa primeira desgraça. Fracó! E elle se contenta sómente em citar-nos o bom tempo que passou, sem promover-nos os meios de remediar nossa triste sorte?! Levantemos a bandeira da rebelião, e obriguemos unanimemente o veterano a mudar nosso desgraçado destino.

— Sim, obriguemol-o, repetirão em côro todos os esfaimados ratos.

Em um momento viu-se o pacífico anciao interrompido em suas saudosas recordações por grunhidos, queixas e lamentos com que um exercito de ratos o cercava. Elle mesmo ignorava que tantos infelizes houvessem expostos a morrerem de fome no fundo de suas covas.

— Queremos *pão*, *queijo*, *toucinho*, *presunto*, *doces*, entoavão unisonos os camouongos.

— Queremos *pão* para nossos filhos, bradavão com vehemencia as ratabanas.

— E nós desejamos milho para nos sustentarmos, dizião com furça os pais.

Aturdido e forçado a tomar de repente um partido, o velho rato pediu a palavra, e com um gesto cheio de magestade, como quem sabia dominar, obteve o silencio dessa turma faminta.

— Convoquemos um conselho, disse elle falando aos mais idosos dos ratos, tomareis assento nelle vós, ó pais; e vós, ó mais e mancebos, recolhei-vos á vossas *locas*. Daqui a duas horas trazer-vos-hei noticia do que desejaes, ou morrereis.

A maior emoção de compaixão succedeu ao desenfreado enthusiasmo desse povo, de sorte que todos se recolherão em silencio e vagarosos. Entretanto a assembléa installada foi de unanime accordo que se devia explorar uma despesa a todo o risco; cogitava-se sómente na escolha da casa. A tarefa era ardua, pois os gatos e ratoeiras estavam armados em guerra em todos os corredores; mas o estado faminto urgia: era mister vencer ou morrer. Depois de muito *deliberar* e *opinar*, tomou-se o partido de conhecer e abrir caminho á despesa mais proxima. — Era esta a de uma grande casa: portanto devia ser bem provida. O veterano rato era o que se havia offerecido para fim tão ousado. Sahiu pois, pesado, de sua cova, e por fatalidade encontrou todas as avenidas da habitação fechadas: era pois preciso abrir caminho. Depois de muito espreitar conheceu, pelo silencio que reinava, que todos na casa dormião: deu portanto principio ao seu trabalho.

Entretanto seus dentes já faltos serravão uma porta com estrondo horrivel; para abrir-lhe passagem: não fallou muito, e toda a gente da casa acordou com a bulha...

Contudo, escapou milagrosamente de muitos perigos, logo na primeira noite de seu arriscado ensaio: esteve debaixo d'uma acha de lenha que a forte mão de um preto jogava com habilidade espantosa: affado gume de uma faca lhe passou por sobre o lombo, fazendo-lhe a impressão do gelo, e seu sangue denuncia a seus inimigos o trilho que havia seguido; mas fiel á promessa á que se havia obrigado, voltava de novo, depois de tão cruéis experiencias, a arrostar novas provas.

Finalmente, cansados já os seus contrarios de tão prolongada vigilia, pôde o rato penetrar o interior desses vastos aposentos quando todos na casa dormião. Foi caminho direito da despesa, objecto unico de seus anheos; havia ali antigamente um buraco muito seu conhecido, que dava franca passagem ao espaço recinto enfeitado de triplice ordem de prateleiras cheias de caixas, cestos e vasos, dos quaes sahião suavissimos aromas. Tão certo está o nocturno explorador na passagem para a despesa, que aproveitando seus preciosos momentos, vai caminho direito a ella, sem que o possa deter nenhum outro pensamento: era ali onde elle esperava achar haveres que podião dar vida a toda a sua esfaimada povoação. Correndo com velocidade procura a fresta que lhe deve franquear a vista de tão cheirosa praça; quando pensou tel-a encontrado, avança com presteza a cabeça para entrar; uma forte pancada que leva no focinho que o faz virar de cambalhota, o adverte que ella já está tapada! Oh! raiva, oh! desanimo! Em frente a essa formidavel fortaleza toda forrada de folha de zinco, precaução infernal inventada por seus cruéis inimigos que lhe roublava toda a esperanza, abrindo-lhe mais vivamente a ferida de sua derrota, pelo suavissimo cheiro, que seu olfacto mais apurado ainda pela leveza de seu estomago, recebia por baixo da porta desse seductor repartimento, o rato chorou e coçou o focinho contra a terra, de despeito.

Quando a dor da pancada que levou na cabeça deu lugar á reflexão, sentou-se o bom do bichinho para com socego escolher o partido que devia tomar. Escalar tão forte muralha seria procurar uma morte certa sem nenhuma utilidade para os seus companheiros que esperavão famintos o fim da sua missão. « E' prudente, pensou o rato, não teimar com o *impossivel*, meus inimigos ainda dormem, aproveito o seu somno e vou correr toda esta casa, o acaso talvez me pague a decepção da minha primeira tentativa. »

Com mais ligeireza do que era de esperar de um rato da sua idade, partiu a esquadrinhar todos os recantos da habitação. Já ia a noite adiantada e o anciao quadrupede tinha corrido muito; mas nada havia encontrado que o recompensasse de suas penas, nem cheiro algum tinha vindo a seu olfacto denunciar-lhe gastricos haveres. Exasperado, caçado e desanimado, pensou um momento em renunciar o encargo que a si mesmo havia imposto, e a ir encerrar-se em

um retiro de sua cova e acabar ignorado de seus compatriotas. Assim tristemente pensando, elle caminhava vagaroso, e seus passos compassados e pesados o levarão ao acaso. Achou-se sem saber como em frente de uma galeria de quartos, que abrião sahida a um longo corredor interior; bem no meio desse e do lado opposto aos quartos, ostentava-se orgulhosa uma espaçosa ratoeira de arame, que franqueava suas vastas divisões aos ratos que a quizessem visitar. A esta vista o pelludo general estremeceu todo, quiz fugir espavorido, mas a imagem terrivel que tinha diante de si lhe tirava toda a força. Conseguiu contudo dar alguns passos para a sua cova; porém fóra de si pelo medo perdeu-se na entrada dos quartos. Temendo a cada passo cair em algum laço, pois via sempre ante si a tremenda ratoeira com suas portinholas abertas, quadro tristissimo que se apresentava a sua memoria como o tumulo de tantos de seus amigos, elle estava tonto, e mal sabia por onde corria. De re-

rente é detido por uma grande claridade que o fez fechar instantaneamente os olhos. Julgou-se fulminado de um raio, e sentiu mesmo um frio glacial cobrir-lhe o coração. Quando abriu os olhos achou-se n'um vasto aposento, onde havia duas camas, um grande armario, uma commoda, e de frente desta um tocador. Era um quarto de dormir; tudo ali estava tranquillo. O ratoneiro respirou; olhou depois para todos os lados e conheceu que não estava morto, e pois, com o animo mais em socego avançou com precaução até ao meio do aposento, sorveu sua ligeira respiração por todos os lados, a vêr se podia descobrir ali alguma cousa proveitosa. Da parte em que se achava a commoda, vinha um forte cheiro de laranjas, e do lado da mesa de marmore, sentia cheirar a trigo. « Oh! se pudesse chegar ás laranjas!.. exclamou elle, que bello manjar para meus pobres amigos! »

(Continúa.)

Novo modo de pedir uma moça em casamento.

O caso passou-se em um salão, illuminado e bello. Moças interessantes, reunidas a um lado do piano, conversação graciosamente, e nessa meia voz que o feliz entre ellas facilmente traduz e pula de contente, mas pela maior parte das vezes fica em jejum e roe as unhas o desventurado caipó, a que não pode cair em graça. Jogava-se, conversava-se, tocava-se piano, na mais agradável e familiar reunião de moços, moças e velhos, sem nenhuma das incommodas etiquetas aristocraticas, pois que os altos personagens donos da casa sabem-nas dispensar aos seus amigos e conhecidos.

Até aqui não ha nada de novo.

Alto lá! Mas ha muito de curioso, de moderno, de notavel, mesmo de *espirituoso* e... de desfructavel, no seguinte dialogo.

— Tem par para esta contradança, Ex.^{ma}? dizia um moço de bigodes, espirituoso como elle só!

— Já a prometti a meu primo.

— Que pena!... Diga-me V. Ex.: gosta muito de viajar?

Note-se que a moça nunca viajou.

— Por certo, Sr. Dr., *hei de gostar muito de viajar.*

— Bravissimo! Pois case-se V. Ex. commigo, e vamos viajar juntos, sim?

Passai, vi, gostei, quero casar: nem mais, nem menos!

Explicação.

Este dialogo passava-se entre uma moça de fina educação e um perfeitoissimo doutor. Por outra: entre uma joven senhora de avantajada herança e um pretendente que anda á pista de um bom dote.

Conclusão.

O mais engraçado é que o doutor apenas conhecia a moça ha alguns quartos de hora, no fim dos quaes só teve occasião de lhe dirigir a palavra para lhe contar que possuia muita roupa, que fallava muitas linguas, que tinha farda, que ia comprar um cavallo do Cabo, que tinha um coração capaz de amar... uma boa fortuna; e por ultimo — pedir a moça em casamento n'um convite de contradança!

Observação.

Se ha graça no caso, eu não sei. O que é verdade é que já se tem dado muita risada á custa do amavel pretendente; tem-se-lhe feito notas de bastante peso á margem do seu pedido, e está tão vulgarisada a graciososa pergunta — *A senhora gosta de viajar?*—que eu estou vendo que péga a moda e o doutor vem ainda gozar das honras da invenção....!

Peixinho.

Acompanha este n.º 20 duas estampas com figurinos de baile e de passeio.

